

UM OUTRO OLHAR

N. 17

INVERNO/92

ANO 6



SÃO PAULO

EDITORIAL

Míriam Martinho

Quem nunca ouviu falar de Einstein ou da Teoria da Relatividade? Mesmo em caso de memória falha, quem nunca viu uma foto de um velhinho de cabelos eriçados mostrando a língua, o mais perfeito estereótipo do cientista maluco? Pouca gente, não é mesmo?

Quem, entretanto, ouviu falar de Mileva Maric, mulher de Einstein, cuja colaboração na elaboração da Teoria da Relatividade foi muito além do simples palpite? Quase ninguém.

Pois é. Os homens têm procurado apagar da História a história das mulheres, tentando dar a impressão de serem os únicos motores da humanidade. Desta forma, impedem que as futuras gerações de mulheres tenham espelhos onde se mirar e caiam mais facilmente presas dos estereótipos de mulher produzidos pelas cabeças masculinas. Dai a importância de resgatarmos e preservarmos a história das mulheres, lésbicas ou não-lésbicas, como no artigo "As cientistas esquecidas", onde a companheira leitora poderá espantar-se com o número de cientistas eminentes de quem nunca ouvimos falar.

Dai a importância de mais um de nossos boletins, onde procuramos registrar e preservar o nosso UM OUTRO OLHAR sobre o mundo.

SUMÁRIO

UOQ 17 - JULHO/92

- | | |
|---|--|
| 2. EDITORIAL | Inglaterra |
| 3. MEMÓRIA
As cientistas esquecidas | 19. Terá a AIDS surgido de manipulação genética? |
| 9. EM DEBATE
Solidão e Solidariedade | 20. EM MOVIMENTO |
| 11. POESIAS | 21. CARTAS NA MESA
Rute, Bete e Tiny |
| 12. FILME
Lixo Cultural | 22. Emília e Mary |
| 13. VÍDEO
Memória de Mulheres | 24. Eliane di Santi. |
| 15. DEU NO JORNAL
O número é 44 | 26. PUBLICAÇÕES RECEBIDAS
Lésbicas e Feministas |
| 17. Amigos são os que mais estupram na | 27. Gays |
| | 28. Aids; Livros Adquiridos e Doados |

Edição: Míriam Martinho
 Digitação: Nani Tobi
 Editoração: Nani Tobi e Míriam Martinho

Tradução "As Cientistas Esquecidas": Míriam Martinho; Solidão e Solidariedade: Luiza Granado; Poesias: Luiza Granado, Tiny e Eliane di Santi; Resenhas de Filme e Vídeo: Érica Guinosa e Míriam Martinho; Artigos de Jornal: Érica Guinosa, Joyce e Mara Rúbia; Fotos e desenho: Ísis Internacional, Cristina Gouveia, FSP.

Produção: UM OUTRO OLHAR, Caixa Postal 51540, cep 01495-970, SP.

Virginia Woolf dizia que se o mundo tivesse sido concebido de maneira menos irracional, as possibilidades de realização pessoal da irmã de Shakespeare (no caso de haver existido) teriam sido as mesmas de seu irmão. Por conseguinte, não estaríamos, hoje, na delicada situação de explicar porque as mulheres raramente têm merecido e merecem o qualificativo de geniais.

Não vamos repetir de novo, os argumentos, já muito conhecidos, a respeito das limitações que sempre marcaram as vidas das mulheres, desde o nascimento, pois, como igualmente dizia Virginia Woolf, estas não são privativas do sexo feminino.

Difícilmente também um Einstein ou um Mozart poderiam ter surgido do proletariado ou das classes mais despossuídas. Se tal houvesse ocorrido, ambos precisariam ter lutado muito para impor-se em um ambiente de discriminação e hostilidade, como o fizeram, durante séculos, aquelas mulheres que nasceram dotadas de talento e genialidade, especialmente em um campo tradicionalmente considerado alheio a seus interesses como o da ciência.

Atualmente, contudo,

já não podemos continuar acreditando que as contribuições mais importantes, no terreno da Ciência e da Tecnologia, pertencem apenas a cérebros masculinos. O trabalho exumatório de historiadoras feministas no sentido de escavar o passado das mulheres, além de suas análises de todas as épocas no que se refere à Cultura e ao saber, permitem-nos conhecer, agora, uma história nunca antes contada nem difundida pela historiografia oficial.

bem, Ada Lovelace Byron foi uma matemática de gênio que trabalhou com um famoso cientista de nome Charles Babbage em um projeto de "máquina analítica". Por esta razão, a linguagem de programação, aparecida em 1977, levou seu nome: Ada. Ada nasceu em 1815 e morreu em 1852.

Quando em 1862, Clemence Royer traduziu, para o francês, "A Origem das Espécies", de Charles Darwin, foi interdita pelo mundo científico da época por atrever-se a

CIENTISTAS ESQUECIDAS

Ana Maria Portugal

DE PROUDHON AO NOBEL

A saga das mulheres cientistas, através do tempo, não é nada desprezível. As pesquisas realizadas, nas últimas duas décadas, por especialistas em história das mulheres, trazem informações valiosas e surpreendentes.

Saber, por exemplo, que a filha de Lord Byron, Ada Lovelace Byron, é de alguma maneira a precursora da informática, aproxima-nos de um âmbito das vidas femininas pouco explorado e portanto ignorado. Pois

refutar as teses do livro sobre a condição das mulheres.

Além disso, Clemence, tanto cientista quanto filósofa, havia obtido um empate, com Proudhon, em um concurso sobre a "Teoria do Imposto ou o Dízimo Social" (1860), em circunstâncias onde este negava que as mulheres fossem inteligentes. Em consequência, sua obra-prima "A dinâmica dos átomos" foi ignorada, e Clemence caiu no ostracismo. Morreu aos 72 anos, em 1902, completamente esquecida. Entretanto, neste mesmo período, outras mulheres também já

iam abrindo espaços (a cotoveladas geralmente) no âmbito da academia e da pesquisa, como Sofia Corvin Krukowsky, uma matemática russa, nascida em Moscou em 1850. Aos 14 anos, ela começou a estudar matemática e descobriu a trigonometria de forma autodidata.

Sofia era filha de militar e neta de um general, matemático e topógrafo, além de ter, entre seus antepassados, Matias Corvin, rei da Hungria, protetor das Letras e das Ciências. Em 1868, casa-se com Kovwalevsky, um jovem cientista. Entretanto, como era proibido às mulheres casadas estudar em universidades, ambos concordam em viver como irmãos até o término dos estudos. Posteriormente, estando em Heidelberg, Sofia toma contato com o grupo de Dorotea Schloezer, doutora em filosofia e artes liberais. Alguns trabalhos de Sofia deram o que falar, como "Os anéis de Saturno". Anos depois, recebe um prêmio da Academia de Ciências da Universidade de Estocolmo. Morre no dia 6 de fevereiro de 1894 na Suécia.

Elizabeth Garret Anderson, primeira médica britânica e irmã da feminista Millicent Fawcett, só depois de muita luta, obtem seu doutorado na Sorbonne

em 1870. Elizabeth fundou, em 1866, em Londres, um hospital para mulheres e também presidiu a Escola de Medicina para mulheres de Londres. Ela se tornou a primeira mulher a ser admitida na Associação Médica Britânica.

Sem dúvida, o campo da medicina foi um dos mais difíceis de conquistar para as primeiras estudantes que aspiravam coroar as carreiras nas mesmas condições dos colegas homens. Para Elizabeth Blackwell (morta aos 89



MARIE CURIE

anos, em 1910), constitui-se uma grande batalha conseguir que ela e a irmã Emily (1826-1910) fossem admitidas na Escola de Medicina dos Estados Unidos. Ao obter sucesso, ela se transformou na primeira mulher, no mundo, a formar-se como médica, em 1849, enquanto sua irmã se convertia na primeira cirurgiã de que se tem conhecimento. Ambas fundaram, em 1857, em Nova York, um dispensário para mulheres e crianças. Estas pioneiras abrem

caminho para as gerações seguintes de mulheres de maneira que, no começo do século XX, a estrada rumo ao Nobel já se mostrava uma possibilidade, especialmente após Marie Sklodowska Curie se tornar, em 1903, a primeira mulher a receber, conjuntamente com o marido Pierre, o Prêmio Nobel de Física.

IGNORADAS PELO NOBEL

Costuma-se pensar que Madame Curie, como é conhecida usualmente, é uma exceção, admirável por certo, mas uma exceção no mundo da Ciência. A notoriedade de Marie Curie, sua história pessoal, o fato de que a filha Irene, casada com Frédéric Joliot, também foi outorgado o Nobel de Química, em 1935, tem sido elementos suficientes para dar tal peso ao sobrenome Curie a ponto de este obscurecer ou minimizar outras presenças, também eminentes, na trajetória do prêmio.

De fato, a meta do Nobel para as mulheres esteve e está semeada de obstáculos de diversos tipos, alguns intransponíveis como os colocados no caminho de Emmy Noether (1882-1935), considerada a criadora da Álgebra Moderna. A escola matemática que ela criou

teve um papel central no desenvolvimento da Álgebra. Noether, alemã de nascimento, não pôde ingressar formalmente na universidade (1900), sendo admitida somente como ouvinte. Quando consegue contornar esta dificuldade, em 1903, já está convencida de sua vocação. Em 1907, apresenta sua tese, mas não a deixam integrar-se ao mundo acadêmico, tendo sido negado seu ingresso no Instituto Matemático. Posteriormente, formula um teorema que leva seu nome e que é considerado uma das pedras angulares dentro dos trabalhos sobre a relatividade em geral. Todavia, Edith Noether nunca recebeu o Nobel.

O caso de Rosalind Franklin, uma cientista americana a quem igualmente não se outorgou esta distinção, ilustra bem o tipo de preconceitos existentes, no mundo científico, sobre a atuação das mulheres. Em 1953, a revista britânica "Nature" publicou um artigo elaborado por quatro cientistas notáveis: Francis Crick, James B. Watson, Maurice Wilkins e Rosalind Franklin. Neste artigo, os autores revelam que a estrutura do DNA (molécula do ácido desoxirribonucleico), nos genes de seres vivos, tem forma helicoidal. Esta revelação, que representa uma

contribuição capital para a Ciência, será levada em conta na hora de outorgar o Nobel de Fisiologia, em 1962, a seus descobridores do sexo masculino, mas não a Rosalind. Nessa época, inclusive, a cientista já havia falecido, vítima de câncer, com a idade de 38 anos.

Anos depois, em seu livro "A Dupla Hélice" (1968), James B. Watson deforma e minimiza a participação de Rosalind, com expressões de menosprezo e comentários



Emmy Noether
criadora
da
Álgebra
Moderna

sexistas. A verdade só virá à luz muito mais tarde. Na época em que Rosalind se encontrava realizando pesquisas em Londres, ao lado de Maurice Wilkins, concebeu um dispositivo para analisar a estrutura do DNA. Paralelamente, em Cambridge, Crick e Watson trabalhavam no mesmo tema, formulando hipóteses que a cientista não considerou pertinentes. Em 1952, Wilkins mostrou a outra equipe um dos resultados obtidos pela pesquisa, feita com

Rosalind, provando que a estrutura do DNA é helicoidal. Isto permitiu estabelecer novas hipóteses que Rosalind aprovou. Daí a publicação conjunta na revista "Nature".

AS VENCEDORAS

Em 1947, Gerty T. Cori (1896-1957) recebe, conjuntamente com o marido, Carls F. Cori, o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina pelo processo do metabolismo

dos glicógenos. Depois de Marie Curie e Irene Joliot, ela é a terceira mulher, uma norte-americana, a receber o prêmio. Mais adiante, outras também o receberão, todas na área de Medicina, como Rosalind Yalow, em 1977, Bárbara Mc. Clintok, em 1983, Rita Levi-Montalcini, em 1986, e Gertrud Belle Ellon em 1988.

Na área de Física, Maria Goeppert-Mayer (1906- 1972) recebe o prêmio em 1963, conjuntamente com Eugene

Wigner e Hans Jensen. Os três são descobridores da estrutura do átomo, ainda que suas pesquisas tenham sido realizadas individualmente.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Maria participou de um programa secreto sobre a bomba atômica, em Columbia, e, depois, prosseguiu suas pesquisas de Física Nuclear, chegando, em 1948, a formular uma teoria sobre a Estrutura do Núcleo do Átomo. A estas alturas, pressionada pelo ambiente circundante, sente-se insegura de apresentar as pesquisas, adiando a publicação das mesmas. Segundo conhecidos próximos, tal atitude se deveu a falta de confiança própria da cientista. Quando ela decide, por fim, em 1949, revelar suas descobertas, um artigo, propondo a mesma teoria, é publicado pelo físico alemão Hans Jensen, com quem haveria de dividir o Nobel.

Finalmente, Dorothy Crowfoot-Hodgkin receberá o Prêmio Nobel de Química, em 1964, aos 54 anos de idade, por haver descoberto a estrutura de várias substâncias da penicilina e da vitamina B12.

AS ESTRELAS E A CIBERNÉTICA

Há muito mais mulheres

que estiveram e estão ligadas a Astronomia. No século passado, Maria Mitchell (1818-1889) descobriu um cometa que leva seu nome (1847). É considerada uma pioneira. Henrietta Leavitt, astrônoma norte-americana do Observatório de Harvard, dirigiu, no começo do século, o Serviço de Fotometria. Especializada em estrelas, descobriu 2 mil e 400, além de quatro Novas e dois asteróides. Igualmente famosas: Williamina P. Fleming (1857-1911); Annie Jump Cannon (1863-1941). A primeira descobriu 222 estrelas variáveis e dez Novas, além de supervisionar o inventário de 200 mil fotos astronômicas do Observatório de Harvard.

No começo deste artigo, havíamos nos referido a história de Ada Lovelace Byron, destacando-a como uma precursora da informática. Ada porém não foi a única. Atribui-se a Grace Hopper, uma norte-americana nascida em 1906, a invenção da linguagem COBOL (Common Business Orientated Language) que se pode traduzir por Linguagem Comercial Comum Orientada. Como se sabe, a COBOL é a primeira linguagem a permitir a programação dos computadores em língua corrente e não em símbolos matemáticos, possibilitando ao grande

público ter acesso ao mundo dos computadores. Grace se diplomou, em Yale, em 1934, alistando-se na Marinha, durante a Segunda Guerra Mundial, e sendo enviada ao Centro de Matemática da Marinha. Lá conhece o primeiro calculador eletrônico do mundo (pesava 5 toneladas, e tinha 2 metros e 60 de altura e 16 e 60 de largura).

Deslumbrada, encara o desafio de adentrar-se nos segredos da máquina monstruosa e se lança à invenção de códigos. Em sua meninez, Grace Hopper não resistia a curiosidade de abrir e consertar artefatos. Por isso, o Mark I e, depois, o Mark II (menos monstruoso que o primeiro) se constituíram numa experiência fascinante. Em 1945, durante o processo de desmontagem do Mark II, encontraram, nas entranhas da máquina, uma espécie de traça que perturbava seu funcionamento, daí a palavra "bug" (inseto) que posteriormente viria a ser utilizada, na informática, com o sentido de "perturbação".

Em 1949, Grace vai a Harvard e constrói o primeiro gerador de computação eletrônica e, em 1951, com uma equipe de especialistas, aperfeiçoa o UNIVAC, o primeiro calculador com "memória tampão". A partir deste momento,

trabalhará com diferentes programas para computação. Em 1973, é nomeada Capitã e, em 1983, Comodora. Nos últimos anos de vida, tem sua contribuição reconhecida. Modesta, entretanto, Grace Hopper costumava dizer que: "O melhor investimento que um país pode realizar é em seu sistema educativo".

Outras contribuições igualmente significativas, saídas de cérebros femininos, também estão vinculadas aos campos da Tecnologia, Física e Biologia.

Por exemplo, a invenção do chamado Ventilador Ayrton, usado, na guerra de 1914, para dispersar gás tóxico, deve-se a Hertha Ayrton, física britânica célebre por seus estudos sobre o Arco Elétrico. Hertha também foi uma ativa sufragista.

Do mesmo modo, deve-se a Irmgard Lotz, engenheira alemã, o aperfeiçoamento de um método de cálculo, em

1931, para ser utilizado em Aerodinâmica, e a Stephanie Kwolek - com ajuda de sua equipe de pesquisadores da Du Pont, na França, a quem chefiava - a descoberta, em 1965, da "Kevlar", fibra sintética cinco vezes mais resistente que o aço, utilizada em Aeronáutica.

Ainda destacamos,, na mesma linha, Marguerite Perey, física francesa, morta em 1975, descobridora do frâncio, e Nettie Stevens (falecida em 1912), bióloga e geneticista norte-americana que, em 1905, paralelamente a Edmund Wilson, demonstrou o fato do embrião ser determinado pelo cromossomo do espermatozóide, X para o embrião feminino e Y para o masculino.

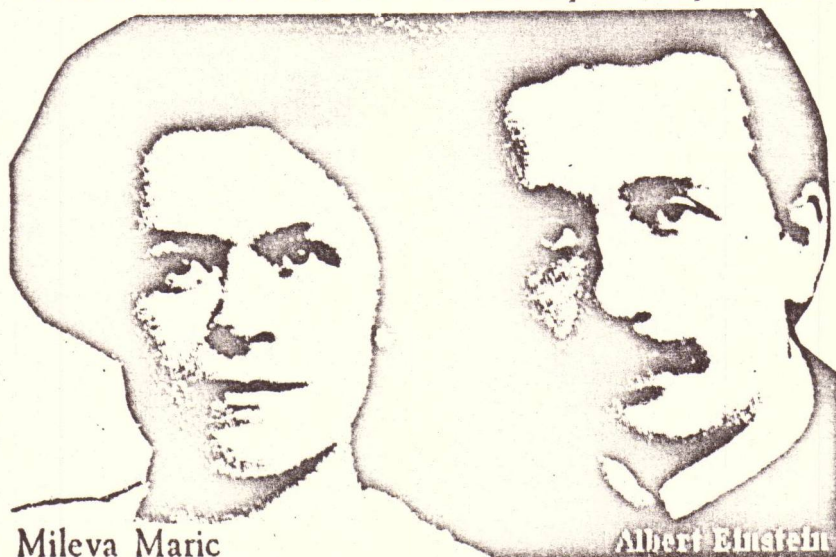
A CONTROVÉRSIA EINSTEIN

Em 1921, Albert Einstein, depois de receber o Prêmio Nobel de Física, outorgado pela Academia Sueca, viaja a Zurich para cumprir uma

antiga promessa: entregar o montante total do Prêmio a sua ex-esposa, Mileva Maric, com quem se casara quando ambos eram muito jovens e estudavam na Politécnica de Zurich. Tal gesto foi interpretado como um virtual reconhecimento da participação direta de Mileva na elaboração da teoria da relatividade.

Anos mais tarde, contudo, se desata uma polêmica que, hoje, resulta na existência de dois grupos de biógrafos, historiadores e setores feministas: uns afirmando que Mileva Maric colaborou diretamente nas pesquisas sobre a teoria da relatividade; outros negando esta associação.

Em 1990, a American Association for the Advancement of Science (Associação Americana para o Desenvolvimento da Ciência) organizou, em Nova Orleans, um debate, convidando a um grupo de estudiosos e estudiosas da obra de Einstein, para elucidar este tema que vem alimentando controvérsias através dos anos. O grupo analisou a correspondência entre Einstein e Mileva Maric durante seus anos de noivado e matrimônio. Segundo o físico e matemático Harris Walker, as idéias básicas da teoria da relatividade vieram de Mileva; segundo John Stachel, ela não passou de uma retransmissora das idéias de Einstein. Mais agressivo, o estudioso José Manuel Sánchez Ron, em sua Introdução à edição



Mileva Maric

Albert Einstein

em espanhol, de "Albert Einstein. Cartas a Mileva", diz que a tese sobre a estreita colaboração de Maric na teoria da relatividade não se sustenta, já que a educação científica da mesma não foi das mais notáveis, tendo fracassado duas vezes nos exames para o diploma do curso Politécnico. À parte, é claro, de tratar-se de uma mulher de personalidade "difícil", (uma camponesa, como chegaram a dizer alguns). Philip Frank, companheiro de Einstein, na cátedra de Física da Universidade Alemã de Praga, e seu biógrafo, chega a dizer que Mileva era "seca e um pouco dura".

"A vida matrimonial não foi fonte de paz e felicidade para Einstein. Quando acontecia de discutir suas idéias com Mileva, esta não demonstrava o mínimo interesse no assunto...." Obviamente, nesta história, há luzes e sombras.

Em primeiro lugar, Mileva Maric representou um caso bastante excepcional em sua época. Nascida em 1875, em Tilel (então parte da Hungria; hoje, da Iugoslávia) teve acesso a uma educação fora do comum para mulheres de seu tempo. Pelo que se sabe, apenas outras 4 mulheres conseguiram matricular-se na seção VI A do Politécnico.

Em segundo lugar,

considerando o teor de algumas cartas de Einstein à noiva, a colaboração excepcional de Mileva com o companheiro, partilhando trabalhos e propostas, não parece fictícia.

"Como ficarei feliz e orgulhoso quando juntos houvermos terminado com êxito nosso trabalho sobre o movimento relativo". (Carta número 25, 27 de março de 1901).

Com o passar do tempo, as relações entre os dois se deterioraram, e a figura de Maric se converteu na da esposa-suporte do lar e mãe de três filhos, um dos quais, psicótico. Está claro que ela foi ficando à sombra ao ver abandonadas suas esperanças de continuar os estudos.

Trata-se de uma história muito comum que se repete em todas as épocas. Como afirma Ellen Goodman, este tipo de casal começa e se desenvolve na igualdade, mas termina com a esposa bancando a secretária do marido. Mesmo que Mileva Maric não

fosse uma genialidade científica, na verdade, sua vida só vem a corroborar o pensamento de Virginia Woolf sobre o lugar que tiveram e continuam tendo as mulheres no mundo masculino.

FONTES

1. Florence Montreynaud y otras: "Le XXe Siècle des Femmes". París 1989, 731 páginas.
2. Alba G. Casina de Nogara: "Hacia una Democracia Integral. Apuntes para una historia del feminismo en Uruguay". Consejo Nacional de Mujeres, 1990. Uruguay.
3. Calendario 1990: Las que abrieron Camino. "Fundacion Alicia Moreau de Justo. Buenos Aires, Argentina.
4. Oscar Mondadori: "Albert Einstein. Cartas a Mileva." Introducción de José Manuel Sánchez Ron. Madrid, 1990. España.
5. Ellen Goodman: "Relatives and Relativity: There were two Einsteins".
6. The Boston Globe Newspaper Company. 16.3-90.

Tradução: Míriam Martinho.
Original: Las científicas olvidadas; Mujeres en Acción 1/92, Chile.

DEPOIMENTOS LÉSBICAS

Busco depoimentos de lésbicas brasileiras relatando suas vidas, dificuldades, relações com a família, trabalho, escola, etc., para futura publicação de livro, em alemão, e posterior tradução para o Português. Não é necessário enviar nome completo; basta o primeiro nome. Pseudônimos também serão aceitos. Nos próximos meses, entrarei em contato com as cinco editoras lésbicas existentes aqui na Alemanha para apresentar o projeto do livro. Conto com sua colaboração. Escreva para Mara Rúbia, Lahntalstr 13, 3556, Weimar Roth, W. Germany.

Se a solidão é tida como fenômeno das grandes cidades, seus efeitos são ainda mais críticos para a vida das lésbicas.

Temos diferenças óbvias em relação às mulheres não-lésbicas, já que todos os lugares de socialização como o local de trabalho, a escola, os lugares religiosos, festas, e etc, são de estrutura heterossexual. Nesses lugares, a maioria das lésbicas é invisível enquanto tal, e as chances de encontrar uma companheira tornam-se mínimas. É o peso da discriminação.

Depois de uma década de militância e contatos com mulheres lésbicas, é muito triste perceber que a realidade continua solitária. Algumas coisas mudaram, porém há muito para se fazer.

Nesses anos, recebemos perto de 4000 cartas de mulheres de todo Brasil, das quais muitas, mas muitas mesmo, nos falam da solidão, não só de amores, mas também de amizades.

Há uma unanimidade num ponto: todas as mulheres que nos escrevem contando da sua solidão se acham as únicas a padecer dessa dor.

Não exercitam a visão de conjunto capaz de mostrar-lhes que o isolamento do qual reclamam faz parte da realidade de muitas outras mulheres que, por sua vez, também se julgam a sós com sua solidão. Cria-se um círculo vicioso, perverso.

A título de ilustração, transcrevo abaixo um trecho de carta que

A solidão, palavra tão cantada em nossas músicas, tem particular relevância para as mulheres lésbicas, sempre mais vulneráveis a ela.

Farei uma apresentação do tema, objetivando trazer à tona sua problemática e quem sabe incentivar outras mulheres a nos enviarem depoimentos sobre o assunto.



recebemos de M. em fevereiro deste ano.

"Eu não quero fazer parte de uma organização, nem grupo, nem nada. Eu não sou de São Paulo, estou há pouco tempo aqui e simplesmente gostaria de encontrar uma mulher que eu pudesse amar e ser amada. Estou sozinha..." Segue-se sua idade e descrição física, bem como a da mulher que deseja para companheira, finalizando da seguinte forma: "Fica aguardando sua ajuda, tá?"

Assim fantasia que podemos, magicamente, localizar a mulher de seus sonhos e de que será

amada, plenamente correspondida, vivendo feliz para sempre.

A realidade nos mostra uma face diferente.

A solidão faz com que muitas mulheres se limitem a buscar freneticamente uma companheira - simplesmente - e em grande parte não se permitam fazer uma ligação entre o trabalho da Rede e a quebra do isolamento.

A solidão também já foi colocada em livro de temática lésbica, editado em 1928, em Londres (É o livro mais antigo que já li sobre o assunto e talvez também o mais

acervo da Rede).

Foi escrito pela poetisa e romancista inglesa Marguerite Radclyffe Hall (nascida em 1886 e falecida em 1943), obra bastante discutida e causadora de grande escândalo na época, tendo sua publicação sido proibida na Inglaterra e EUA, e sua circulação liberada por tribunal. Acabou por se tornar um clássico. Eu o li há uns 5/6 anos, portanto, precisaria relê-lo para fazer uma resenha. Além disso, o livro é bonito, porém triste demais. Nos faz mergulhar muito fundo. O nome do livro? "O poço da solidão".

Portanto, o binômio lésbica e solidão não é um fenômeno atual. Vem de longe...

CONSEQUÊNCIAS

As implicações dessa segregação são desastrosas para as lésbicas.

Uma carta recebida, em janeiro deste ano, de uma cidade muito pequena do sul de Minas Gerais, nos conta que D. estava apaixonada há 4 anos, sem ser correspondida, por uma moça heterossexual. "Fui para o bar e comecei a refletir sobre a minha vida... O problema é que tomei um porre e terminei a noite com um colega. Hoje minha consciência me censura por ter enchido a cara, ter ficado com um homem. Eu detesto homem! Por ter sido covarde e deixado o pessimismo tomar conta de mim. Não sei o que fazer. O que eu faço? O que eu digo para mim

mesmal? Que justificativa dou a minha existencial? Por favor desculpe por estar enchendo vocês com meus problemas. É que vocês são as únicas pessoas nas quais eu confio."

A carta dá o recado. E você? O que responderia para D.?

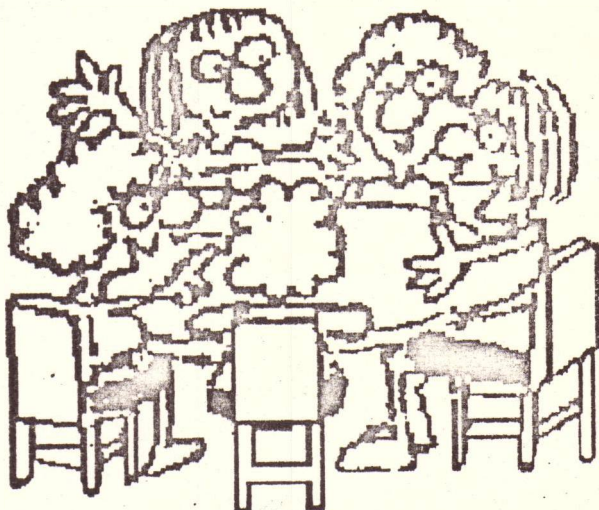
Algumas cartas que nos chegam são tão tristes quanto o livro "O poço da solidão".

A solidão e o isolamento também leva as lésbicas a se apaixonarem pela primeira mulher que lhe dirija uma palavra de solidariedade ou lhe seja mais afável. Existem

desenvolvendo uma ética de solidariedade lésbica.

A Rede é um espaço importante, já que, como grupo político, interfere socialmente revelando nossa existência e levando a discussão de nossa dupla discriminação: a de gênero e a da especificidade.

Aproveito para fazer um parêntese e colocar que os gays não sofrem discriminação enquanto gênero, já que, obviamente, continuam a ser homens numa sociedade patriarcal. A discriminação que temos em comum com eles é quanto à orientação sexual.



poucas chances para possibilitar a escolha num processo de amizade, paquera, namoro, até chegar a hora de decidir uma vida em comum.

Precisamos reverter esse quadro triste. Lutar contra a solidão é lutar contra uma das violências que atingem as lésbicas, pois na maioria das vezes temos que usar uma máscara no cotidiano que nos isola, nos segrega, nos guetariza.

Eu acredito na necessidade de uma "saída do gueto",

Na Rede, procuramos passar através das informações sobre nossos direitos e possibilidades, o incentivo para que cada mulher busque seus interesses a partir de uma visão de coletividade.

Só quando mais mulheres estiverem comprometidas, mobilizadas e solidárias, com uma união forte e permanente, é que vamos conseguir, ao menos, abrir uma janela desta casa imensa e vazia que é a solidão.

POESIAS

UOQ II



AMANHECER

Luiza Granado

I

Quando o fim de semana chegar,
eu vou para as montanhas
ficar a sós com você.

II

Quero esquecer trânsito, buzina
telefone ou campainha.

III

Quero flor campestre, esquilo, beija-flor,
bem-te-vi e
bem te amar no frio da Cantareira.

IV

Não quero ler o jornal para
comentar a política e saber a
quantas está a economia.

V

Quero acender teu fogo
diante da lareira,
tomando Banchá com Fundador.

VI

Te presentear com poesia, e
tocar Cole Porter para te dizer
"night and day you are the one".

VII

De manhã,
ser acordada com teus afagos
embaixo dos cobertores.

Vou fazer pão-de-ló para teu café e andar
de pijama pela casa.

VIII

E vou beijar tua boca
com mel em meus lábios para adoçar o teu
amanhecer.



Tiny

Tô com saudade, saudade de sua voz, do
seu cheiro, do seu jeito.

Tô com saudade, saudade de você moça da
cidade, dos seus risos de boas-vindas e dos
nossos abraços de reencontro.

Tô com saudade, saudade do seu gosto
próprio, de balançar na rede e da nossa
molecagem embaixo do chuveiro.

Tô com saudade, saudade da sua
anatomia, da cama desarrumada e da
cumplicidade compartilhada a qualquer
hora.

Ah! Tô com saudade e não pretendo
disfarçar.

JUNTAS

Eliane Di Santi

Eu não saberia
dizer frases lindas,
eu não poderia
escrever tanta poesia,
se você não existisse,
se não estivéssemos
juntas.

Eu deveria, na verdade,
conter toda essa euforia,
mas, o seu amor impede-me de
ser sensata.

É uma alegria imensa,
acordar do seu lado,
em cima ou embaixo,
porque, juntas,
estamos, juntas,
brincando, juntas
lutamos contra todo o preconceito,
contra o falso conceito de amor.

Juntas, somos uma só,
seja lá como for,
juntas viraremos pó, e juntas,
viveremos ainda, além do amor.

LIXO CULTURAL

Érica Guinosa

INSTINTO SELVAGEM (Basic Instinct), BUA, 1992. Direção de Paul Verhoeven. Com Michael Douglas e Sharon Stone.

A sensação básica que se tem de "Basic Instinct" é a de estar perdendo tempo em vê-lo. A película em si não vale a controvérsia levantada pela imprensa e seu sucesso comercial dever ser entendido dentro de uma estratégia de marketing, que inclui talvez a curiosidade gerada pelos protestos dos grupos gays norte-americanos.

Como filme de narrativa convencional, típica de um gênero já assimilado como o suspense, "Basic Instinct" é passível de uma crítica política, sim. Embora o diretor tente mostrar seu produto como ficção, trata-se aqui de "um fazer cinema" que se coloca como realidade. A produção de Hollywood sempre primou por tornar invisível a montagem, buscando o ilusionismo e assim dando a impressão ao espectador de contato imediato com o real. Mas o que pode se verificar é um discurso sobre a realidade, profundamente ideológico (que se esconde como tal).

E qual o ideário dessa fita? A busca da reconstrução de "um universo em equilíbrio" ameaçado pelo "Mal". Este último é representado pelas mulheres, que não por acaso são *bissexuais*. O filme se conclui com o herói (protagonizado por Michael Douglas) salvando a personagem principal (interpretada pela atriz Sharon Stone), num tradicional happy end.

Entre algumas implicações de um enredo como este poderíamos alinhar: 1. As personagens suspeitas de homicídio são mulheres bissexuais. Volta-se à noção cristã/medieval da mulher como intrinsecamente maligna. O lesbianismo ali se insere no plano da anormalidade psíquica. 2. O herói da história é um policial, aspecto significativo no sentido da restituição da ordem naquele microcosmo (retorno à heterossexualidade).

Enquanto estrutura, "Basic Instinct" faz



uso de todas as técnicas já cristalizadas pelo cinema americano. A montagem busca agilizar a condução da história, a trilha sonora é inserida (até a saturação) na mudança dos planos para criar suspense e há até perseguição de carros, para os apreciadores do filme de ação. Pode-se falar em eficiência, mas não se observa uma única inovação de recursos, resultando um produto de entretenimento, mas esteticamente pobre. Há 77 anos atrás, em 1915, Griffith já utilizava a decupagem clássica - com talento - em "O nascimento de uma nação"; filme racista e genial. Pode-se até fazer um filme reacionário e artisticamente interessante.

Mas aqui temos uma película de proposta exclusivamente comercial, sem atingir a criação cinematográfica. Deve-se lembrar que não há as cenas de lesbianismo prometidas pela mídia (só um beijo). Pagar um ingresso de até 3 dólares se torna excessivamente oneroso, em termos de custo/benefício. O melhor comentário sobre esse filme seria a máxima oswaldiana: "Não vi, não gostei".

VÍDEO *Memória de Mulheres*

Miriam Martinho

Com o objetivo de criar uma videoteca para a Rede, com temas sobre a situação das lésbicas, das mulheres, em geral, da homossexualidade, etc..., estamos pesquisando e adquirindo fitas de vídeo. Pretendemos exibí-las nas reuniões com as associadas ou mesmo nas reuniões de discussão interna de nossa organização.

Já vimos 4 fitas e decidimos começar pela aquisição de uma que fala sobre o Movimento de Mulheres, ou Movimento Feminista, desde a época da conquista do voto feminino no Brasil (1932) até a última década.

Intercalando trechos curtos de depoimentos de várias mulheres, relatando quando começaram a militar, com outros tantos um pouco mais longos, onde aparecem os nomes das entrevistadas, e cenas de passeatas, eventos públicos e fotos de época, o vídeo Memória de Mulheres, em geral, traça um bom panorama da imensa diversidade política e ideológica do Movimento de Mulheres Brasileiro. Peca

somente, talvez, por ter tentado colocar, em apenas 37 minutos, uma história já tão vasta e tão rica. Dá vontade de ver esta história esmiuçada, principalmente considerando a ignorância das novas gerações de mulheres sobre sua própria luta. Creio, contudo, que este detalhamento deve surgir em fitas futuras e que, dentro do objetivo proposto, o Memória de Mulheres vale a pena ser visto.

Nota Fora

A única nota fora do vídeo ficou, infelizmente, mais uma vez, para nós, lésbicas. Apesar de ter havido 8 anos e meio de GALF (Grupo Ação Lésbica Feminista-1981-1990), com vários eventos relacionados ao Movimento Feminista, o único depoimento mais longo, dado por uma lésbica, refere-se às priscas eras do coletivo que precedeu o GALF, coletivo de duração efêmera (menos de 2 anos) e de importância menor nos já quase 13 anos de mobilização lésbica no Brasil.

Pior que o depoimento, pois

ACERVO UM OUTRO OLHAR

HEMEROTECA

561 é o número de recortes de revistas e jornais sobre lesbianidade, homossexualidade e feminismo, catalogados até agora.

CARTAS

3221 é o número de cartas, registradas em ordem alfabética e numérica, abrangendo correspondência dirigida aos grupos Somos/LF, GALF e UM OUTRO OLHAR(90-91), catalogadas até agora.

não deixa de ter valor histórico, só mesmo a depoente. Numa fita onde as mulheres que aparecem com os nomes registrados, pelo menos as por mim conhecidas, tiveram, de fato, anos de trabalho, inclusive, voluntário, pela luta das mulheres, a aparição da "entrevistada" lésbica soa como uma gozação. Sua militância, mesmo nas priscas eras a que se refere no vídeo, não excedeu o tempo de gestação de um bebê prematuro. De meados de 1981 ao início de 1989, praticamente uma década, não atuou nem em grupos lésbicos nem feministas. Durante este período, aliás, costumava dizer, para quem quisesse ouvir, que era impossível organizar-se lésbicas no Brasil.

Eis que então, de repente, não mais que de repente, a partir de 89, a dita retoma o "gosto" pela militância, (assalariada, é claro) junto a um organismo estadual de mulheres. A partir daí, seus esforços pela luta lésbica se desenvolveram no sentido de tentar apoderar-se do acervo do então GALF, atualmente da Rede; passar abaixo-assinado contra militante lésbica; manipular grupo lésbico em formação; posar de ativista lésbica em eventos esporádicos do Movimento Feminista e procurar fechar portas,

até mesmo a nível internacional, através de intrigas de toda sorte, a organizações que, de fato, atuam junto à comunidade lésbica brasileira.

Sua aparição, portanto, nesta fita de vídeo, destoa completamente do conjunto da obra. É mais uma demonstração cabal de que, dentro do Feminismo Brasileiro, apesar da presença de tantas homossexuais, continua havendo dois pesos e duas medidas: um para lésbicas e outro para heterossexuais. A presença da "entrevistada lésbica", na fita, revela que os "esquemas PC" * da política tradicional tiveram ressonância até nos mais inesperados recantos da vida nacional.

FINAL FELIZ

Para não terminar assim com esse travo na boca e desequilibrar a análise do vídeo, no geral, bom, como disse anteriormente, queria transcrever aqui o depoimento de uma mulher negra que, como para redimir o vídeo, segue-se ao da "depoente lésbica". Transcrevo o depoimento de Sueli Carneiro, no "box" abaixo, acrescentando, entre parênteses, palavras que fazem uma analogia entre a situação das mulheres negras e das lésbicas. É o discurso mais político e mais bonito do Memória de Mulheres, pelo menos para mim.

* PC são as iniciais do empresário corrupto que adquiriu fortuna através de tráfico de influência junto a Presidência da República..

Memória de Mulheres, 37 m; 1992, SP; realização: Comunicação Mulher.

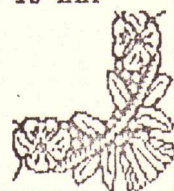


Sedução Envolvente

Elizane Di Santi

"O livro Sedução Envolvente revela uma nova poeta que tem a marca do romantismo, da sensualidade ..."

Adquira o livro por Cr\$ 15 mil pela Caixa Postal 147 Laranjal Paulista - SP CEP 18500



UM OUTRO OLHAR ASSINATURA

Agora você também pode obter o U00 através de assinatura, enviando vale-postal ou cheque, em nome de Rede de Informação Um Outro Olhar. Os cheques devem ser remetidos para a Caixa Postal 51540 cep 01495, SP e os vales para a agência Rebouças, cep 01495-970, SP.

OPÇÕES

assinatura semestral (2 números):

Cr\$18.000,00

assinatura anual (4 números):

Cr\$36.000,00

exemplar avulso: Cr\$10.000,00

"A importância de um Movimento de Mulheres Negras (Lésbicas) decorre da insuficiência com que o Movimento Feminista e o Movimento Negro (Homossexual) tratam a questão específica da mulher negra (lésbica). Ou seja, as mulheres negras (lésbicas), ao se organizarem, dão conta de uma lacuna, de uma lacuna política que é a especificidade da mulher negra (lésbica) que tem sido historicamente dissolvida na questão geral da mulher ou na questão geral do negro (do homossexual). O que as mulheres negras (lésbicas), ao se organizarem enquanto força política, estão dizendo é que existe uma especificidade que vem sendo historicamente negada e que elas, a partir de suas particularidades, podem se transformar em uma força política autônoma e independente."

Sueli Carneiro

[FOLHA]

DEU NO JORNAL

[FOLHA]

O número é 44

Jogadora cortada da seleção de basquete diz que foi vítima de discriminação sexual

Foi uma bola fora mas causou enorme alvoroço. A jogadora Edna Cristina de Oliveira, uma pivô de 26 anos que joga no time da Unimed Araçatuba, sacudiu a Seleção Brasileira de Basquete, na semana passada, dizendo ter sido eliminada do grupo que se prepara para disputar uma vaga para a Olimpíada por discriminação sexual. "Maria Helena me explicou que tinha outras opções para a seleção e que, além disso, eu não calçava 44", disse Edna na quarta-feira numa entrevista gravada pelo jornalista Fernando Lemos, da *Folha de Araçatuba*, que virou a manchete esportiva da semana nos grandes jornais do país. Calçar 44 é um eufemismo para "sapatão", a gíria grosseira com que se designam popularmente as mulheres homossexuais. Maria Helena, 52 anos, é a técnica da equipe, uma esportista brilhante que como jogadora e treinadora ajudou o Brasil a arrebatar diversos títulos internacionais de basquete feminino — entre eles a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Cuba no ano passado.

Maria Helena é solteira, não tem namorado e há trinta anos mora com Maria Helena Campos, a "Heleninha", assistente técnica da seleção. Ambas recusam-se a discutir publicamente sua vida sexual. "Meu critério de cortes foi puramente técnico", disse Maria Helena em Salvador, onde a seleção vai treinar para o pré-olímpico de Vigo, Espanha. "Nenhuma das jogadoras foi cortada por não ser homossexual. Tenho pena da Edna. Ela é pobre de espírito." Edna tem boa altura para uma pivô, 1,90 metro, mas é considerada lenta e taticamente indisciplinada — imperdoá-

O episódio de suposta discriminação sexual no basquete brasileiro, embora pelo enfoque pitoresco, traz um componente que pode ser destacado. A reportagem primou por tornar evidente a forte vivência do lesbianismo no segmento esportivo, inclusive "assumindo" a técnica Maria Helena Cardoso. Dentro do contexto de uma sociedade que se movimenta em desconsiderar a sexualidade feminina, é importante que a lesbianidade seja dita. O silêncio tem se constituído, ao longo dos tempos, num fator de desmobilização, ao negar a existência da homossexualidade feminina, pela linguagem.

VEJA, maio de 1992

manifestações de intolerância. "Estamos nos preparando para uma disputa muito importante", disse Hortência Marcari Oliva, estrela e cestinha do time. "Quando isso ocorre é preciso ter telhado de vidro à prova de balas para não sermos atingidas por insinuações."

Hortência não esconde já ter sido paquerada por mulheres e assediada por jogadoras. Casada com o empresário da noite José Victor Oliva, ela sempre soube manter à distância as cantadas indesejáveis e, principalmente, nunca permitiu que esse tipo de insinuação atrapalhasse seu desempenho individual nas quadras e nos times pelos quais atua. Há mais de dez anos, quando jogava pelo Santa Maria, de São Caetano, Hortência flagrou uma cena romântica entre duas jogadoras de sua equipe. Foi contar tudo para o técnico Waldir Pagan Peres, que passou um sabão nas duas atletas. Hortência não comenta esses assuntos publicamente, mas relatou o episódio a uma amiga ex-jogadora profissional.

TRÊS NO QUARTO — "O que acontece entre duas pessoas adultas não é da conta de ninguém, mas um contato entre duas jogadoras atrapalha a concentração e pode prejudicar o desempenho da equipe inteira", conta Pagan Peres, assessor técnico da Confederação Brasileira de Basquete e ex-técnico da seleção brasileira. Para se certificar de que os boatos ficassem confinados ao rei-

no da maledicência onde são gerados, Pagan tomou uma providência prática. Nos seus tempos de técnico jamais colocava duas atletas alojadas num mesmo quarto. Os alojamentos eram divididos por três jogadoras ou então elas dormiam sozinhas. "O homossexualismo é relativamente comum entre as jogadoras de basquete, mas elas são muito discretas e em geral não deixam que isso influencie seu desempenho ou relacionamento com a equipe", afirma uma ex-jogadora profissional que atuava em São Paulo.

vel para uma jogadora numa equipe treinada por Maria Helena.

Na quinta-feira, Edna arrependeu-se de suas declarações e tentou consertar o dano. "Fui mal-entendida", disse. Há duas fitas gravadas com as declarações de Edna. A do repórter de Araçatuba e outra, do SBT, em que ela brinca de mostrar a sola do seu tênis para a câmara. O estrago causado pelo desabafo da pivô, que já jogou pela seleção outras vezes sempre convocada por Maria Helena, seguiu o curso amargo que costumam tomar as

Há grandes atletas homossexuais em qualquer país. O preconceito de que uma atleta com desempenho acima do normal deva ser homossexual também ultrapassa as fronteiras brasileiras. Uma pesquisa americana feita em 1989 entrevistou atletas de 180 instituições de ensino do país. Quando a mostra foi computada, o resultado foi que 54,4% delas afirmavam ser um dos maiores obstáculos para suas carreiras esportivas a idéia, consagrada na sociedade, de que as atletas são homossexuais. "O problema hoje não é se existem homossexuais no esporte, mas sim o medo injustificado que elas causam", diz Pat Griffin, professora de Educação da Universidade de Massachusetts, encarregada de dar palestras sobre o assunto a técnicos e dirigentes de times de basquete. "A homofobia está afastando parte das mulheres do mundo dos esportes."

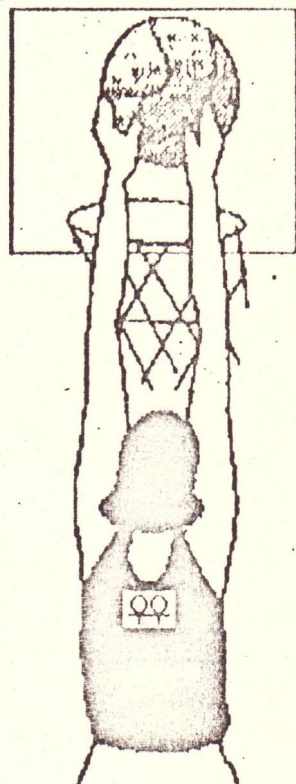
"IDEAIS DE FEMINILIDADE" — São raras as atletas homossexuais assumidas, de desempenho notável e carisma como a tenista americana Martina Navratilova, 35 anos, nove vezes ganhadora do torneio de Wimbledon e atualmente quarta colocada no ranking mundial. Martina casou-se com a americana Judy Nelson, de quem se separou há um ano e contra quem sustenta atualmente uma ruidosa causa judicial pela partilha da riqueza acumulada durante a união de sete anos. Martina conseguiu tornar pública sua opção sexual e seguir em frente. Conseguiu também outro feito raro. Manteve seu prestígio em alta e sempre atraiu patrocinadores entre as grandes marcas esportivas mundiais. A aura elitista do tênis ajudou. Num esporte de massa, como o futebol, em que as virtudes da virilidade são exaltadas por torcedores quase sempre tomados de uma fúria guerreira, é impossível para um atleta homem assumir sua homossexualidade.

Nos países de vida civil mais arejada,

essas questões, mesmo que polêmicas, costumam ser tratadas com distanciamento e coragem por todas as partes envolvidas. No Brasil, a questão tende a resvalar para desmentidos instantâneos ou para caça às bruxas de um lado e de outro. Na sexta-feira, antes de se informar sobre os detalhes do caso envolvendo a jogadora cortada e a treinadora da seleção de basquete, o presidente da Confederação Brasileira de Basquete, Renato Brito Cunha, ameaçou processar a pivô Edna criminalmente por difamação. "Disse à treinadora para não convocá-la antes pois ela já tinha antecedentes disciplinares", afirmou Brito Cunha ao jornal *O Estado de S. Paulo*.

Tratado com mais discernimento, o episódio Edna não precisava obrigatoriamente se transformar num escândalo. O caso não seria encaminhado assim, por exemplo, na Alemanha ou nos Estados Unidos. Há dois anos, a socióloga alemã Birgitt Palzkill defendeu uma tese controversa. Depois de entrevistar jogadoras de futebol, handebol e tênis, Palzkill chegou à conclusão de que 90% das atletas dessas modalidades são homossexuais. Para a socióloga, o fator que conduz certas mulheres a alguns esportes seria puramente psicológico. "Muitas atletas foram meninas que não sabiam corresponder aos ideais de feminilidade. Sentindo-se diferentes das outras, elas procuram uma identificação na área esportiva, onde a feminilidade não é tão exigida", sustenta Palzkill.

A tese da psicóloga alemã não encontra paralelo no metabolismo humano medido pela medicina. Altos índices de hormônios masculinos no sangue, que nada têm a ver com homossexualismo, aumentam a massa muscular e, conseqüentemente, o desempenho atlético em alguns esportes. O que a medicina sabe com certeza para por aí.



"Não existe nenhum estudo científico que vincule o aumento da quantidade de hormônios masculinos nas mulheres a uma conduta sexual ambígua", afirma a professora Ieda Verreschi, da Escola Paulista de Medicina. "Os distúrbios não levam sequer a uma maior identificação com o sexo masculino."

CLÁUDIA
MAXIMINO

Ao enviar artigos de jornal e revista para a hemeroteca da Rede não se esqueça de colocar a data e a fonte dos mesmos. Procure também só grifar partes dos artigos com régua de modo a preservar a legibilidade do texto. Remeta-nos, sempre que puder, artigos sobre lesbianidade, homossexualidade e feminismo.

DEBATES

DEU NO JORNAL

DEBATES

Joyce

O estupro é uma das maiores violências que se pode cometer contra uma mulher. E, embora o número de casos registrados ainda seja pequeno, diante da realidade, este número vem crescendo a cada dia. Apesar do medo e da vergonha, as mulheres, cada vez mais, denunciam este tipo de violência. É o que os dados dos registros demonstram, ao apontar pessoas próximas (muitas vezes da própria família) às mulheres atingidas como responsáveis por tal crime (e isso não é só na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas no Brasil também), é que o estupro, menos do que uma questão de âmbito médico-psicológico, referente a casos de psicopatas, trata-se, antes de tudo, de uma questão política que tem por base o descaso por nós mulheres, por nosso corpo, por nossa sexualidade, nossos desejos e vontades. Por nossas pessoas.

Amigos são os que mais estupram na Inglaterra

Franklin Martins
Correspondente

LONDRES — A maioria dos casos de estupro na Grã Bretanha não ocorre com mulheres que são atacadas por desconhecidos, em lugares desertos ou mal iluminados. Ao contrário, são praticados por namorados, amigos ou vizinhos. Essa revelação foi feita por uma pesquisa efetuada pela União Estudantil da Universidade de Cambridge, que ouviu 1 mil 600 estudantes na faixa entre 16 e 30 anos.

O estudo verificou que nada menos de 20% das mulheres britânicas já foram vítimas de estupro ou tentativa de estupro. Desse total, dois terços foram atacadas por pessoas que já conheciam. Esse resultado é semelhante ao de uma pesquisa dirigida em 1989 pela professora Mary Koss, da Universidade de Arizona, Estados Unidos, que, depois de ouvir 6 mil mulheres de mais de 30 colégios e universidades, revelou que 15% delas haviam sido estupradas.

Oitenta por cento das vítimas disseram que a violência havia partido de conhecidos, em casos que foram apelidados de *date rape* — que pode ser traduzido por estupro durante encontro com um namorado ou candidato a namorado. Outro estudo feito no ano passado

pela Dra. Koss entre trabalhadoras de Cleveland, no estado de Ohio, apontou números parecidos, mostrando que o problema tem as mesmas características em praticamente todas as camadas sociais.

As estatísticas policiais, no entanto, registram relativamente poucas ocorrências de estupro. No ano passado, na Inglaterra, por exemplo, apenas 3 mil 900 mulheres apresentaram queixas nas delegacias, dizendo-se vítimas desse tipo de crime. Embora o número tenha sido 18% maior do que no ano anterior, basicamente porque a polícia britânica está passando a ter uma atitude respeitosa ao ouvir as mulheres, ainda está muito distante da realidade.

Algumas entidades estimam que os casos são, pelo menos, dez vezes mais numerosos do que os que chegam ao livro de ocorrências da polícia. Como a maior parte dos estupro se enquadra nos chamados *date rapes*, muitas mulheres sentem-se inseguras para apresentar queixa, pois uma coisa é provar que foi

atacada à força por um desconhecido, e outra, que foi violentada pelo namorado, depois que o casal saiu de um bar e estava se beijando dentro do carro. Para não ter sua vida pessoal devassada, a maioria das mulheres estupradas por co-

Editoria de Arte

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM SÃO PAULO Entre 1985 e 1990

Estupros	3.371
Tentativas de estupro	1.132
Ameaças	41.159
Lesão corporal	63.304

QUEM É A VÍTIMA?

48,5%
acima de 41 anos de idade

48%
são casadas

31,4%
são donas-de-casa

69,6%
têm renda de dois a cinco salários mínimos

QUEM É O AGRESSOR?

60%
são parceiros da vítima

36,3%
são maiores de 46 anos de idade.

Fonte: Conselho Estadual da Condição Feminina

Jornal do Brasil
26/02/92

Folha de São Paulo
28/05/92

nhicidos prefere engolir em seco a violência.

Alguns juristas, no entanto, acham que é muito forte chamar de estupro a situação em que o homem força a namorada a fazer sexo. Alegam que é muito difícil, nesses casos, dizer onde termina a sedução e começa efetivamente o estupro, ou quando a negativa da mulher em ir para a cama é efetiva ou apenas parte de um jogo de cena.

O date rape, para eles, seria em muitos casos não um estupro, mas um mal-entendido dos códigos amorosos. "Espera-se do homem que ele tome a iniciativa, mas às vezes pode ser difícil para ele ler corretamente os sinais dados pela mulher", diz Tim Hulse, editor da revista masculina *Esquire*.

O professor de psicologia Paul Pollard, no entanto, garante que isso não é verdade: "Pode haver espaço para um mal-entendido, mas só até certo ponto. Parte do problema é que o estupro, em algumas circunstâncias, continua a ser visto não como estupro, mas como uma sedução forçada".

Os juristas que vêem uma diferença de fato entre as duas situações acreditam que a legislação canadense, que estabelece uma graduação entre os vários tipos de ataque sexual, é mais apropriada. Mas essa posição é contestada por outra corrente, para a qual o crime é um só, o estupro, e eventuais agravantes ou atenuantes devem ser levadas em consideração apenas na definição da sentença.

Na Grã Bretanha, a lei não estabelece diferenças, caracterizando como estupro todo ato sexual efetuado sem o consentimento do parceiro, independente do tipo de relação que exista entre o homem e a mulher. No ano passado, a Câmara dos Lordes, que tem uma comissão que funciona como tribunal superior para os casos civis e criminais de relevância, decidiu que o marido que forçar a mulher, contra a vontade dela, a ter relações sexuais, está cometendo estupro. Se essa decisão vale para os maridos, é claro que vale também para namorados, colegas de trabalho ou vizinhos.

Jornal do Brasil
26/02/92

ESTÉTICA FACIAL

LIMPEZA

HIDRATAÇÃO

NUTRIÇÃO

AUXILIAR NO TRATAMENTO DE
ACNE E MANCHAS

CRISTINA GOUVEIA

FONE: 299.5507



[HIVASI]

DEU NO JORNAL

[HIVASI]

TERÁ A AIDS SURGIDO DE MANIPULAÇÃO GENÉTICA?

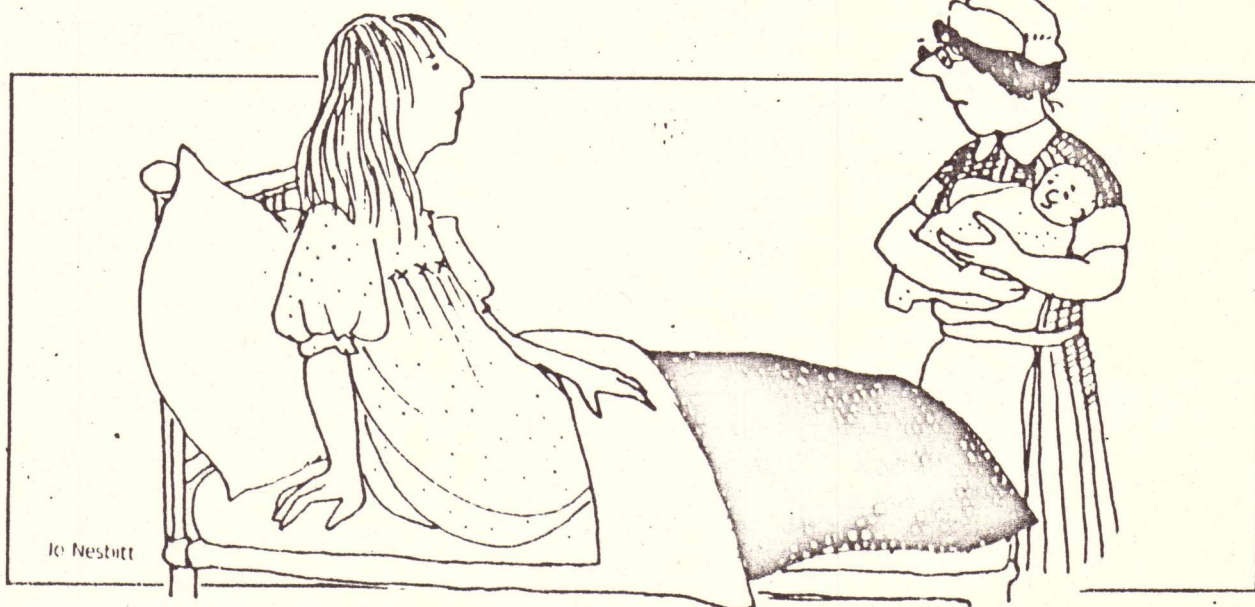
"É um absurdo afirmar que a AIDS surgiu na África" - disse o Professor Jakob Segal, microbiólogo de Berlim Oriental, em sua palestra no Centro Cultural da Universidade de Marburg, na Alemanha. Durante a palestra, organizada pelos estudantes da universidade e pelo grupo de gays (homens homossexuais) de Marburg, o professor se mostrou convicto, com base em seus longos anos de pesquisa, de que a AIDS foi produzida em laboratório para fins militares (guerra bacteriológica), tendo ficado fora de controle posteriormente.

De acordo com o cientista, em 9 de julho de 1969, 10 milhões de dólares foram investidos em pesquisas do Pentágono para a produção de um vírus que arruinasse o sistema imunológico humano. Até 1975, veicularam-se muitas notícias sobre o projeto, mas, depois, nada mais foi publicado. Em 1979, os primeiros casos de AIDS apareceram em Nova York e não na África, como diz a maior parte da literatura sobre o mal.

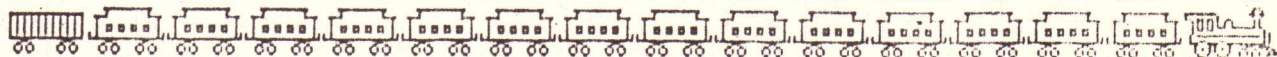
Ainda segundo Segal, foi a combinação dos vírus HTLV e VISNA, testados em cobaias (ovelhas), por pesquisadores norte-americanos, que produziu a AIDS. O professor ilustrou a palestra com vasta documentação científica, aprofundando-se em detalhes técnicos de virologia e afirmando que a maior chance para pacientes aidéticos reside em algum tipo de interferência médica no início da síndrome, quando da formação de novos anticorpos pelo organismo.

Oberhessische Presse
Marburg
Alemanha
03/06/92

É uma
lésbica!



EM MOVIMENTO



ACONTECEU

II ENCONTRO DE MULHERES DA LESTE I (21 de Junho de 1992)

Assunto principal: Ano de Aplicação das Leis de Igualdade entre Mulheres e Homens no Estado de São Paulo. Maiores Informações: Casa da Mulher Lilith. Rua Costa Barros, 785 Vila Alpina - CEP 03210 São Paulo - SP

I SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DO MOVIMENTO DE MULHERES DE SÃO PAULO NA ECO-92 (04 de Julho de 1992)

Assunto principal: Disseminar a informação sobre a participação das Mulheres de São Paulo na ECO-92. Maiores Informações: CIM. Caixa Postal 11399 CEP 05499 São Paulo - SP

VI EBHO ENCONTRO BRASILEIRO DE HOMOSSEXUAIS (29 a 31 de Maio de 1992)

Assuntos principais: Inclusão na reforma constitucional de 1993 de proibição de Discriminação por Orientação Sexual; Projeto de lei oficializando o "Contrato de União Civil", conferindo igualdade de status para casais gays/lésbicos e heterossexuais. Maiores informações: Atobá. Rua Prof. Carvalho de Melo, 471 Magalhães Bastos CEP 21730 Rio de Janeiro - RJ

ACONTECE

III ENCONTRO DE LÉSBICAS FEMINISTAS DA AMÉRICA

LATINA E DO CARIBE (14 a 16 de Agosto de 1992)

Local: Porto Rico. Maiores Informações: Apartado 1003 Estación Viejo San Juan - Puerto Rico, 00901

THE ANNUAL GATHERING IV ENCONTRO DE LÉSBICAS SEPARATISTAS (03 a 07 de Setembro de 1992)

Maiores informações: P.O.Box 1203, St. Augustine FL 32085, USA

II ENCONTRO NACIONAL DE PESSOAS VIVENDO COM HIV-AIDS (05 a 07 de Setembro de 1992)

Local: Faculdades Cândido Mendes, Ipanema - Rio de Janeiro. Maiores informações: Grupo pela VIDDA. Rua Lopes Quinta, 576 CEP 22460 Rio de Janeiro - RJ

DESTAQUE

Formado grupo de homossexuais no Partido dos Trabalhadores (PT) para apoiar bancada do PT no Congresso Federal no sentido de incluir termo "orientação sexual" na Carta Magna, no capítulo das Discriminações. Contato: Willian Aguiar. Avenida Ipiranga, 200 Bloco B, Apto 2518 CEP 01066-900 São Paulo - SP



CARTAS NA MESA



Ol, meninas!

Foi com bastante alegria que recebi o boletim e o li rapidamente. Gostei. Gostei principalmente da carta de Shella Anne sobre as lésbicas separatistas. "Deveras"

Interessante a proposta delas.

Obrigada pela cartinha carinhosa que enviaram junto ao boletim.

Obrigada também pela data da pauta do boletim, vou ver se consigo escrever algo até lá.

Um beijo e parabéns pelo trabalho.

RUTE

São Paulo, Maio de 1992

Prezadas
companheiras,

Parabéns pela excelente qualidade do Informativo. Achei ótima a seção de cartas com depoimentos e a de poesias também. Estou enviando

alguns recortes de jornais. Espero que sejam de alguma utilidade. Até mais.

ELIANE

São Paulo, Abril de 1992

O boletim está demais! Vinte e oito páginas! Estou rindo até o canto da boca! Parabéns a todas vocês e a todas nós!

Olá mulheres da UOQ, tudo bem?

Gostaria que vocês me perdoassem pela minha demora absurda para quitar as cotizações. Estou enviando anexo um cheque de Cr\$ 60.000,00 para pagamento de minhas cotizações de abril, maio e junho. O restante é uma contribuição espontânea, em parte para compensar o meu atraso, mas principalmente, porque acho que o trabalho

de vocês é muito importante para todas nós, porque tenho gostado dos boletins que recebi e porque gostei, também, do informativo da associada.

Espero poder estar com vocês na reunião com as associadas, em Julho.

Um grande abraço.

BETE

São Paulo, Junho de 1992

Ol, Luíza!

O boletim está demais! Vinte e oito páginas! Estou rindo até o canto da boca! Parabéns a todas vocês e a todas nós!

Há, no entanto, um detalhe para o qual gostaria de chamar a atenção e, se possível, propor uma mudança. É com relação à seção artigos recebidos e revistas.

Com relação aos artigos recebidos gostaria de sugerir que seguissem ordem alfabética ou cronograma da

CARTAS NA MESA



publicação. Com relação às revistas, gostaria de sugerir, já que é um boletim publicado por lésbicas, que fossem colocadas, em primeira ordem, as revistas lésbicas e depois as outras. Acho que me entenderam, né? Se a gente não valorizar o que da gente, não vão ser os outros ou outras que vão fazê-lo.

Um abraço sáfico pra você e a Miriam e um cafuné para as duas "gatas" daí.

TINY

Minas Gerais, Abril de 1992

Amiga Miriam,

Antecipadamente desejo muita luz e amor para todas vocês.

Desculpe não ter escrito há mais tempo. Foi por motivos de saúde na família. Não tinha "cabeça" para escrever. Contudo, agora, reuni forças e escrevo esta.

Obrigada pelo

Informativo da Rede No. 16 e pela publicação da minha poesia. Não poderia deixar de parabenizar a todas vocês pela nova apresentação do Informativo, não só pelo visual mas também pelo conteúdo, Parabéns!...

EMILIA

Rio de Janeiro, Abril de 1992

Gostaria de agradecer a Rede UQQ pelo apoio que tem me dado nos últimos tempos, ou melhor, desde que comeci a participar deste grupo.

Desde que iniciei minha vida aqui em São Paulo, já faz dois anos, busco me encontrar e me realizar emocionalmente dentro de padrões de comportamento que não se diferenciem das demais vidas que me cercam. Tentando encontrar um equilíbrio das coisas para que me sinta bem. Cheguei a conclusão,

nestes últimos dias, que jamais terei um equilíbrio duradouro se continuar tentando disfarçar meus sentimentos e se não procurar os caminhos que realmente me trazem as melhores emoções.

Consegui, até hoje, disfarçar minha lesbianidade perante minha família e colegas de trabalho, apesar de despertar a curiosidade deles devido a jamais ter tido namorados. Nunca passei por situações que me constrangessem. Sei que alguns constrangimentos agora serão possíveis, já que estou ficando mais realista e querendo encontrar a felicidade onde ela realmente for colocada para mim.

Eu sempre busquei me analisar e compreender o porquê de minha lesbianidade. Busquei leituras, terapias, experiências e reflexões, mas nunca busquei o que acho que me ajudaria muito: O

CARTAS NA MESA



amor. Desde minha adolescência, experimental algumas delusões que me enfraqueceram para essa busca e me fizeram achar que ser lésbica era ser infeliz. Vivo esta infelicidade até hoje. Mas também nunca descartei a possibilidade de que essa tristeza um dia se acabasse.

Talvez vocês estejam imaginando que eu esteja apavorada, que tenha encontrado uma namorada ou algo parecido, mas não é isso não. Eu estou encontrando o grande valor de ser lésbica, estou me apaixonando por isso. Estou me valorizando e saindo do fundo do poço. Preciso de tempo, amigas e compreensão, isso é certo! Estou começando a ver uma luz no final do túnel que já estava muito escuro e estreito. Acho que a conscientização que iniciei agora vai me satisfazer mesmo que eu viva

lutando e buscando sempre algo. O importante para mim agora é saber quem sou: lésbica. E não perder essa minha identidade e a partir daí buscar os meus interesses.

Tenho feito muitas leituras e, principalmente, os boletins da Rede tem me ajudado muito. Lendo-os percebo o quanto estou afastada da realidade lésbica e da verdadeira situação de opressão da mulher em relação ao homem.

Acho que apesar de todas as conquistas dos últimos tempos, muitas mulheres colaboraram e muito para a realização de muitos ideais masculinos.

Bom, lendo o boletim No. 16 encontrei, no comentário da Joyce sobre o 4o. Encontro da Rede, uma reflexão sobre o que eu disse a ela: "Para você é mais fácil dizer que é lésbica para as outras pessoas. Você tem namorada, tem quem apresentar. Se eu disser que sou

lésbica para meus amigos, eles vão perguntar se tenho namorada e não tenho. Fica uma idéia de solidão".

Continuo não tendo namorada mas acho que isso ainda não é o suficiente para mim, ou seja, para que eu me sinta bem tenho que ter uma relação onde seja tomada pelo amor de uma mulher pela outra.

Mas eu pensei um pouco sobre o que eu disse a Joyce e acho que, se eu, ou qualquer outra lésbica, demonstrar segurança, equilíbrio e um objetivo de conquista, o fato de ter ou não namorada não vai ser tão relevante nas críticas das pessoas. E aqueles que criticarem é porque não são amigos. É só ignorá-los.

Ter namorada deve ser bom para satisfazer essa necessidade de segurança e afeto que todos nós temos. Mas lutar por um ideal, mesmo estando nesta

CARTAS NA MESA



solidão, val fazer com que nunca mais eu pense que ser lésbica é ser infeliz.

MARY

São Paulo, Abril de 1992

Olá, todas por aí
Como estão, hem?

Achei muito legal a programação de atividades para o primeiro semestre deste ano. Aliás, este boletim (16) estava fantástico!

Fico feliz em saber que a Rede UOQ está crescendo, se informatizando, com planos pro futuro, com um acervo magnífico de mais de 300 livros para consulta ou mesmo passatempo.

Sobre as notícias dos jornais, bem, o que se pode dizer a respeito é que são reais, cruéis sim, mas reais e que poucas pessoas homossexuais ou lésbicas têm condições psicológicas e até financeiras para se opor ou mesmo opinar

a respeito. É revoltante saber que as empresas só aceitam homossexuais que não dão bandeira. Pior que esta, mais grave ainda - até porque o conteúdo da matéria sugere muito mais coisas por traz - é a reportagem da cura do "vício gay" pelo psicólogo Ageu Lisboa.

Trata-se de algo repugnante, como a própria expressão "ser escravo do desejo".

É inacreditável que se possa imaginar poder converter, regenerar pessoas para deixarem de ser "escravos do desejo".

Muito boa a participação da Rede, e de outras organizações citadas no boletim, junto ao jornal que publicou tal insanidade. Mesmo sem ter surtido o efeito desejado pela Rede, é preciso sempre se opor porque senão as pessoas vão achar que são capazes de praticar atos piores

que Mengelli e regenerar, curar um ser e transformá-lo numa raça perfeita.

O mesmo se deu quanto à reportagem sobre o procurador que negou pensão a um homossexual. O digníssimo procurador foi por demais infeliz, a meu ver. Não conheço o processo, mas segundo consta da reportagem, era um direito líquido e certo do rapaz. E ele simplesmente negou-o por puro moralismo, por convicções suas, pessoais, que nada têm a ver com o processo em si. Com toda a razão o grupo em processar o procurador. Além disso, devem, se houver tempo legal, apelar da decisão.

Quanto às outras notícias, mais legais, mais verdadeiras, fico feliz em saber que a homossexualidade deixará de ser tratada como doença no Código Internacional de Doenças, da Suíça.

CARTAS NA MESA



E sobre as "Amazonas do Cosmo", o que se pode dizer, é que mal ou bem, as mulheres sempre estiveram por perto, fazendo das suas, porque não acredito em perda de poder e sim evolução dos poderes, isto sim.

Acontece que as mulheres sempre foram dinâmicas, desbravadoras, corajosas e jamais deixaram seu posto, apenas se ausentaram um pouco e deixaram os homens tomarem as decisões, pra ver como eles fariam. Tal o resultado, não é?

Mas, houve uma evolução. E mesmo quando me refiro a evolução não quer dizer revolução e sim caminhar mesmo. Houve um caminho percorrido que ainda estamos trilhando. Vamos ver como se dá.

Houve um tempo de matriarcado, depois, o famigerado patriarcado... Talvez estejamos caminhando para um ponto comum. Quem sabe, não é?

Sobre as matérias "Feminino, para que te quero?, Palavra de mulher" e sobre as lésbicas separatistas e, ainda, sobre os comentários das discussões realizadas no 4o. Encontro da Rede, o que posso dizer é que tudo gira em torno de um ponto comum: o patriarcado.

A palavra feminino, as palavras no masculino, as pressões familiares e a luta das lésbicas separatistas pra se livrarem destes estereótipos, tudo é bastante louvável.

Penso que se trata de uma luta árdua e, como a Miriam, querida colega, disse, o feminino não é inerente à mulher, porém, nós incorporamos suas características porque, e faço questão de me referir a isso porque - também acho - as mães se constituem nas maiores reprodutoras da nossa opressão.

Por quê?

Talvez por causa

da cultura dirigida e diferenciada ou, quem sabe, a doce e boa religião, não é? Afinal, não foi sempre a religião a dona da verdade Incontestável?

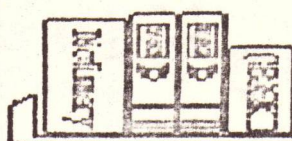
É preciso lutar muito pra que a gente consiga acabar com o patriarcado. Mas quem conseguiu lutar contra tantos tabus, derrubando-os e tornando-os obsoletos, hoje em dia, tem condições de tudo. Não digo que será fácil. Pelo contrário será a maior batalha - acredito - mas temos que lutar.

Temos muito ainda pela frente: sonhos, utopias até, mas é importante tê-las, porque somente assim podemos continuar lutando, mesmo em nome de algo quase que impossível, mas que jamais será impossível por completo, pois, afinal, somos mulheres e nunca desistimos.

Um beijão.

ELIANE

São Paulo - Interior, Abril de 1992.



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

LÉSBICAS

(Em Italiano)
BOLLETTINA DEL
CLL: COLLEGA-
MENTO FRA LE
LESBICHE
ITALIANE, Ano
XI, Nos. 86,
87, 88 e 89.
Assunto: Poe-
sias; Infor-
mes; Artigos
teóricos so-
bre lesbi-
anidade; etc...
Roma, Itália.

(Em Francês)
BULLETIN;
ARCHIVES,
RECHERCHES ET
CULTURES
LESBIENES,
No. 11, Maio
de 1992. As-
sunto: Número
especial so-
bre os oito
anos do ar-
quivo de pes-
quisa e cul-
tura lésbica
e 20 anos do
movimento
lésbico na
França.
Paris,
França.

(Em Portu-
guês)

DEUSA TERRA,
Ano 1, No.
02, Outono de
1992. Assun-
to: mulher e
ecologia;
filmes, poe-
sias, cartas,
etc. São
Paulo, SP.

(Em Alemão)
LESBEN STICH,
No. 1/92. As-
sunto: atu-
alidades; qua-
drinhos; en-
dereços;
poesias; etc.
Berlim, Ale-
manha.

(Em Portu-
guês)
ORGANA, No.6,
1992. Assun-
to: artigos
teóricos so-
bre lesbi-
anidade; poesias;
informes, etc.
Portugal.

(Em Espanhol,
Inglês e
Francês)
WAVELENGTH,
No.14, Inver-
no de
1991/1992.

Assunto: ar-
tigos teóri-

cos sobre
lesbianidade
e feminismo;
informes,
etc. Seattle,
USA.

FEMINISTAS

(Em Inglês)
CONNEXIONS,
No. 38, 1992.
Assunto: ar-
tigos sobre
sexualidade,
inclusive
lésbica; re-
senhas de li-
vros; classi-
ficados, etc.
California,
USA.

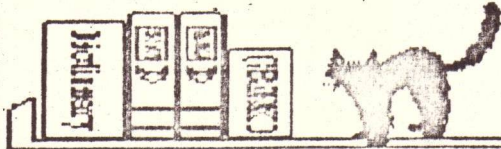
(Em
Português)
CUNHARY - RIO
DAS MULHERES,
SOS CORPO,
Ano 1, Nos. 1
e 2. Assun-
to: ecolo-
gia e mulher;
maternidade e
mortalidade;
informes; car-
tas, etc.
Recife, PE.

CURSO DE
FORMAÇÃO EM
SAÚDE DA
MULHER. As-

sunto: folhe-
to sobre cur-
so de saúde
oferecido pe-
lo Coletivo
Feminista Se-
xualidade e
Saúde para
mulheres li-
gadas à área
de medicina
e/ou interes-
sadas em
geral. São
Paulo, SP.

INFORMATIVO
MULHER E MEIO
AMBIENTE, CIM
- CENTRO IN-
FORMAÇÃO MU-
LHER, 1992,
Nos. 3 e 4.
Assunto: par-
ticipação da
mulher na
questão am-
biental; even-
tos, etc. São
Paulo, SP.

ENFOQUE FEMI-
NISTA, Ano 1,
No. 3 e Ano
II, No. 3.
Assunto: fó-
rum feminista
sobre direi-
tos reprodu-
tivos; even-
tos; mulher e
Ecologia,



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

etc. São Paulo, SP.

(Em Espanhol)
LA MUJER
2000, No. 2,
1991. Assun-
to: organiza-
ções femini-
nas não-go-
vernamentais.
Viena,
Austria.

MUJERES EN
ACCION, No.
1, 1992. As-
sunto: Femi-
nismo e De-
mocracia; re-
portagens;
cultura; even-
tos; informes.
Santiago,
Chile.

(Em Portu-
guês)
MULHERES EM
AÇÃO, No. 1,
Março de
1992. Assun-
to: notícias;
resenhas; ma-
ternidade.

REDE NACIONAL
FEMINISTA DE
SAÚDE E DI-
REITOS REPRO-
DUTIVOS, Ano
1, No. 0, Jan

de 1992. As-
sunto: di-
reitos repro-
dutivos.
Recife, PE.

RETROSPECTIVA
MULHERES 91,
Fev de 1992.
Assunto: dis-
criminação,
abusos se-
xuais; saúde
da mulher,...
Porto Alegre,
RS.

CATÁLOGOS

(Em Espanhol)
DOCUMENTAS,
Nov-Dez de
1991. Assun-
to: catálo-
go de publi-
cações sobre
Feminismo na
América La-
tina. San-
tiago, Chile.

(Em Inglês)
FIREBRAND
BOOKS, Pri-
mavera de
1992. Assun-
to: litera-
tura femi-
nista e lés-
bica; quadri-
nhos; ficção
científica;

auto-biogra-
fias; calen-
dários; poe-
sias, etc.
Nova York.

TRADE
CATALOG, Pri-
mavera de 92.
Assunto: Ca-
tálogo de pu-
blicações
sobre homos-
sexualidade,
lesbianidade e
feminismo; cul-
tura; religião;
Aids; Casamen-
to, etc. Nova
York, USA.

GAYS

(Em Espanhol)
CONDUCTA (IM)
PROPIA, No.
1, Março de
1992. Assunto:
Homossexuali-
dade e lite-
ratura; en-
trevistas; no-
tícias locais;
resenhas, etc.
Lima, Peru.

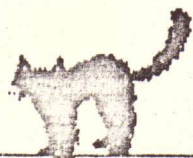
(Em Inglês)
EQUAL TIME,
Fev-Mar de 92.
Assuntos: even-
tos, classifi-

cados; espor-
tes; artes e
entretenimen-
to; reporta-
gens; notí-
cias, etc...
Minneapolis,
USA.

ILGA
BULLETIN,
Nos. 1, 2/92.
Assunto: ILGA
e as Nações
Unidas; en-
trevistas; no-
tícias in-
ternacionais;
Organização
Mundial de
Saúde; even-
tos, etc.
Bélgica.

INTERNATIONAL
LESBIAN AND
GAY
ASSOCIATION,
14a Confe-
rência Anual,
Julho de 92.
Assunto: In-
forme sobre a
conferência
realizada em
Paris. Pa-
ris, França.

(Em Portu-
guês) NOS POR
EXEMPLO, Ano



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

1, Nos. 1 e 2, 1991. Assunto: cartas; homossexualidade no mundo; lesbianidade; Aids; informes; artes; entrevista. Rio de Janeiro, RJ.

(Em Inglês)
PRELIMINARY PROGRAM - 14a Conferência Nacional de Saúde Gay e Lésbica, Jul de 92. Assunto: programa sobre conferência de saúde a ser realizada em Los Angeles. California, USA.

PRELIMINARY PROGRAM, 8a. Conferência sobre Aids, Jul de 1992. Assunto: Programa sobre conferência a ser realizada em Amsterdam.

TEMA INTER-

NATIONAL, No. 2, Outono de 1991. Assunto: prevenção contra a Aids; arte e cultura; agenda de eventos, etc. Califórnia, USA.

(Em Português) O CASO, Ano 1, Nos. 4 e 5. Assunto: Homossexualismo e Homofobia; Homossexualidade no Marrocos; entrevista; suplemento sobre Literatura e o Homossexual. Rio de Janeiro, RJ.

AIDS

(Em Português) ABIA, Dez de 1991 e Abr de 1992. Assunto: Informe das Organizações não-governamentais; a sexualidade dos meninos

de rua; resenha, etc. Rio de Janeiro, RJ.

AÇÃO ANTI-AIDS, Set-Dez de 1991, No.15. Assunto: prostituição masculina e feminina; entrevistas, etc... Rio de Janeiro, RJ.

LIVROS ADQUIRIDOS

A CONSTRUÇÃO DA IGUALDADE; Edward MacRae, Editora da Unicamp, 1990.

A MULHER NO TERCEIRO MILÊNIO; Rose

Marie Muraro, Editora Rosa dos Ventos, 1992.

AS DEUSAS E A MULHER; Jean Shinoda Bolen, Edições Paulinas, 1990

AS MULHERES E O DINHEIRO; Marie-Françoise Hans, Paz e Terra, 91.

FALAS MASCULINAS, FALAS FEMININAS?; Vários, Brasileiraense, 1983.

LIVROS DOADOS

O POÇO DA SOLIDÃO; Marguerite Radclyffe Hall, Abril Cultural, 1928.

O SEXO PROIBIDO; Luiz Mott, Papirus, 1988.

SUSIE SEXPERT'S LESBIAN SEX WORLD; Susie Bright, Cleis Press, 1990.

Faça doações a Rede de Informação Um Outro Olhar depositando qualquer quantia na conta 13-002706-1, agência 0154, Banespa, Paulista.

